

4. **A Maturidade precoce e a sabedoria como possibilidade de existência**

“Cada um de nos compõe a sua historia
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz”
(*Tocando em Frente*; Sater, Almir e Teixeira, Renato)

Pensando sobre a realidade das favelas e em como é viver neste ambiente, se faz necessário um estudo a respeito de seus efeitos no psiquismo dos sujeitos. Para tanto, é preciso considerar o potencial traumatizante que este ambiente possui. Viver nas favelas é um constante risco, é estar em contato, diariamente, com o medo e a insegurança. O medo de não chegar à casa ou à escola, o medo de não ver os pais voltarem, o medo de que entrar para o crime seja sua única opção na vida, faz parte da realidade das crianças que vivem nas comunidades dominadas pelo tráfico de drogas.

Desta forma, sem deixar de lado a questão colocada anteriormente, sobre o papel da comunidade, é preciso reconhecer que o ambiente da favela é extremamente difícil para se viver. Não apenas pela presença do tráfico de drogas, mas também pela precariedade de assistência social e financeira.

O poder do tráfico armado e os constantes conflitos com a polícia e as facções rivais fazem com que este cenário tenha como personagens principais - mortes, tiros e muita crueldade. Todo este contexto expõe uma imensa parte da população aos perigos e consequências do conflito armado. Esta realidade é vivida, devido à lei do silêncio que é ditada pelo poder do tráfico, de forma passiva pela comunidade. Existe neste ambiente uma atmosfera de negação ou emudecimento das reações emocionais à violência.

“O cenário das grandes metrópoles brasileiras vem sendo marcado nas últimas décadas pela presença crescente do crime organizado. (...) Invasões, tiros e cadáveres deixaram de se tornar fatos associados a guerras em terras estrangeiras para se tornarem elementos no cotidiano de grandes cidades brasileiras- o Rio de Janeiro em especial.”

(Plattek, 2008, pp. 126-127)

Além disso, a situação social que se vivencia nessas comunidades está muito distante do que chamaríamos de adequada. A condição financeira desta população não é suficiente para que, sem ações sociais, sejam garantidos bens de consumo básicos para o sustento da família, para uma moradia decente e o acesso à saúde. Ao mesmo tempo, as políticas e ações públicas de assistência a essa população são bastante precárias. Até mesmo, pela própria ocupação do tráfico de drogas, as favelas deixam de receber recursos do estado que forneceriam um bem-estar mais digno.

‘... é preciso assinalar a existência de uma violência que é estrutural. Assim, podemos entender também como violenta qualquer situação social que submeta o sujeito à fome, miséria, desigualdade, exclusão, ao desamparo, ao preconceito e dificulte o acesso à saúde, educação, moradia, segurança, ao trabalho e ao lazer. (...) O que se dá, na verdade, é que grande parcela da população sofre a violência do desamparo social e da exclusão econômica.’

(Plattek, 2008, p. 126)

Dentro deste contexto que foi descrito, há uma infância que vive, presença e que é exposta a toda esta realidade. Na Casa da Árvore, trabalhamos com crianças que nos apresentam questões e preocupações muito precoces e excessivas. É exigido delas um tipo de organização na qual não é possível sentir medo, nem tampouco reclamar a irresponsabilidade da infância. Muitas vezes, são eles, os responsáveis e cuidadores da casa e dos que os rodeiam.

Muitos autores trabalham e pesquisam sobre a infância que vive em ambientes onde impera ou imperou a violência e o terror. Abigail Golomb, psicanalista norte-americana que vive e trabalha em Israel, é uma dessas pessoas. Em seu texto *Terror na infância* (2003), são abordadas algumas consequências de uma infância vítima de guerras. A autora indica, trazendo uma importante contribuição, que há uma ordem natural no desenvolvimento do sujeito, que, se for perturbada, pode acarretar diversos efeitos neste processo.

O terror, tanto em adultos quanto em crianças, é capaz de desumanizar o indivíduo, atacar a individualização, pode gerar uma perda na identidade individual. Quando tratamos do período infantil, as consequências podem ser ainda mais prejudiciais. A infância é o momento em que a identidade está sendo desenvolvida e, por isso, uma época em que há uma vulnerabilidade maior. O

ataque à individualidade em um período como este é, sem dúvida, capaz de grandes desdobramentos.

“Tornar-se indivíduo com plenos direitos é uma tarefa primária do desenvolvimento. Qualquer coisa que domine o indivíduo e faça dele uma cifra, uma ocorrência incidental, uma estatística, uma pessoa que perde sua importância, ira atrasar, deturpar ou destruir o processo de individuação”.

(Golomb, 2003, p. 188)

Outro ponto importante se relaciona ao sentimento de segurança. Para que haja um desenvolvimento saudável, é fundamental que a criança tenha uma base segura, se sinta segura em relação a si mesma e aos outros que estão a sua volta. Como foi tratado no capítulo anterior, é preciso que exista um ambiente confiável e seguro com que ela possa contar e dele depender. Tendo isso, será mais fácil para a criança lidar com as perdas e frustrações, naturais no processo de desenvolvimento, sem maiores consequências.

No entanto, em um ambiente no qual o terror e a violência estão presentes, esse sentimento de segurança pode ser perdido ou destruído. “O terror floresce na insegurança, no desconhecido, no instável, no inesperado. Ele se nutre do imprevisível. Está à espreita em todos os cantos e não há nenhum ritual infantil que possa mantê-lo à distância.” (Golomb, 2003, p. 190) O imprevisível, o efeito surpresa, contido no terror pode ser extremamente prejudicial à infância. É o que Freud (1926) descrevia como o potencial traumático de qualquer estímulo que chegue ao aparelho psíquico sem preparação prévia, provocando uma brecha na organização defensiva sem que tenha sido acionado a tempo o dispositivo da angústia sinal.

Desta forma, não há pensamento mágico ou explicação que faça sentido e ajude na elaboração do ocorrido. Como pontua a autora, não há adulto forte o suficiente que possa proteger e dar segurança a esta criança. Assim como as crianças, os adultos que vivem nesta situação tentam desenvolver algum tipo de explicação que faça sentido e seja acolhedor nestes momentos.

“Há nisso uma certa lógica, mais ainda é pensamento mágico, um jeito de ter controle sobre uma situação incontrolável. (...) As crianças darão qualquer explicação que puderem, do seu próprio jeito, porque o mais aterrorizante é não ter explicação”.

(Golomb, 2003, pp. 190-191)

Para Abigail Golomb, a partir da necessidade inerente à infância de dar sentido a tudo o que é vivenciado, a criança lança mão de recursos muitas vezes prejudiciais, porém, necessários. Um recurso citado pela autora, que foi trabalhado no primeiro capítulo desta dissertação, é a identificação com o agressor, conceito teorizado por Ferenczi.

“As crianças assumirão - até preferem assumir – que elas causaram a violência, ao invés de viver com a sensação de que se trata de uma violência que não faz sentido. Assumirão a identidade de vítima, para não ficarem sem identidade; criarão uma história para explicar a violência e o terror, ao invés de enfrentá-los sem nenhuma explicação.”

(Golomb, 2003, p. 191)

A fim de lidar com o traumático, o sujeito utiliza diferentes recursos, mecanismos de defesa, tais como: a dissociação, a negação e o deslocamento. Tudo isso com o objetivo de dar conta do inassimilável, mas o que estamos apontando neste momento é a emergência, a necessidade de controle, domínio e apreensão do mundo ao seu redor, algo extremamente importante durante o desenvolvimento.

Como apontamos no primeiro capítulo desta pesquisa, o conceito de identificação com o agressor é trabalhado por Ferenczi como um mecanismo decorrente de uma falha ou excesso na relação. Se antes havia confiança na relação, com a falha, a criança sente-se desamparada e pode lançar mão deste processo de identificação. De acordo com Ferenczi, este processo se torna menos doloroso do que admitir a violência do outro, introjetar a culpa do agressor é menos insuportável do que reconhecer o outro como alguém que falha. Utilizando a contribuição de Golomb, talvez seja mais confortável admitir ser o autor do ato violento do que viver sem conseguir dar um sentido ao ocorrido.

“Incorporar a culpa do agressor significa não somente poupar o adulto agressor de toda responsabilidade e dano, possibilitando manter o objeto idealizado, mas também vencer a dor psíquica de ter sido objeto da agressão.”

(Pinheiro, 1995, p. 93)

Ferenczi aborda a identificação com o agressor como um mecanismo utilizado em busca da evitação de desprazer. Identificar-se com o agressor é uma forma de manter o vínculo com o adulto e não perder completamente a confiança e a ternura que existiam antes na relação. O sujeito confunde-se com a pessoa identificada e toma para si o desejo de agredir, passando assim, a ser aquele que agride. De acordo com Ferenczi, como consequência, teremos um sujeito constituído por identificações superegóicas, por um supereu não-assimilado.

‘Elas escolherão seus ídolos e figuras de identificação da sociedade, geralmente porque consideram seus pais fracos (incapazes de defender a si próprios ou a seus filhos do terror e de suas conseqüências). Eles podem se identificar com o agressor ou almejar tornar-se um homem-bomba, um terrorista – como um ideal do ego, um modo de salvar o mundo ou suas próprias almas. A agressão como defesa contra ameaças ao self psicológico, não somente contra o ser físico, é especialmente comum quando o jovem é exposto a pais imprevisíveis ou hostis, ou mesmo a outros adultos que lhe sejam significativos. As defesas de agressão e evasão podem então se tornar influências organizadoras na construção do self, na formação da personalidade.’

(Golomb, 2003, p. 192)

Utilizando essa abordagem trazida pela autora sobre as identificações como um recurso utilizado pelo sujeito para dar conta e tentar lidar com o que ocorre ao seu redor, podemos problematizar e compreender a identificação das crianças da Casa da Árvore com os homens que trabalham para o tráfico de drogas, com essas figuras de poder que comandam as favelas. A identificação com os homens que detêm o poder nos morros surge na ausência de outros atores consistentes para desempenhar essa função de referência. Função que, para ser desempenhada, necessita do respaldo de um ambiente facilitador, o que se torna mais inacessível na medida em que os adultos vivem permanentemente em desamparo social, impossibilitados de servir de escudo protetor. Muitas vezes, quando há a ausência de figuras de poder e referência dentro de casa ou quando os pais não podem (porque também estão ameaçados) servir de escudo para a defesa das crianças, vemos que os traficantes ocupam este lugar.

O “dono” do morro é visto por muitos e cumpre, na maioria das vezes, o papel de grande “pai” da comunidade, ele faz benfeitorias e impõe uma lei que, em muitos momentos, é “eficaz” dentro de uma lógica da favela. No entanto, verificamos que ocupar este lugar envolve muitas variáveis, há uma oscilação

entre um ideal a ser alcançado e admirado e uma posição que é atingida através do medo e da violência. Observamos que as famílias são em sua maioria matriarcais, nota-se claramente uma ausência paterna ou de figuras masculinas, a partir disto os homens que detêm o poder na comunidade passam a ser desejados pelas mulheres e conseqüentemente pelas crianças que veem ali uma figura para se admirar. Por outro lado, a violência cometida pelos traficantes e o abuso do poder, que adquirem ao portar armas, também são fatores que fazem com que estas pessoas sejam respeitadas e que ocupem um status na comunidade. É possível verificar essas identificações e o valor que essas figuras de poder possuem para as crianças nas próprias brincadeiras violentas, nas constantes brigas e nos personagens interpretados.

Para maior compreensão do que acaba de ser dito, utilizaremos um caso vivido em um dia de plantão da Casa da Árvore:

Dois meninos de oito anos chegam à Casa da Árvore, João e Luis. Eles logo se dirigem à caixa de Lego e começam a construir armas com o brinquedo. Uma das psicólogas do plantão se senta ao lado dos meninos e, enquanto conversa com os dois, os ajuda na produção das armas e da brincadeira.

A psicóloga lhes pergunta:

- De que vocês vão brincar?

E os meninos respondem:

- De bandidos.

E a psicóloga volta a perguntar:

- Ah, sim! E quem são vocês na brincadeira? Quais são os seus nomes?

Os meninos respondem:

- Somos traficantes tia.

Luis então comenta:

- Eu me chamo Zeca. (Nome inventado por ele.)

E João complementa:

- Eu me chamo “Neguinho”. (Nome do dono do morro onde vivem)

Neste momento, Luis se dirige a João dizendo:

- Não! Você tem que inventar um nome. Não pode ser um nome que já existe.

E assim, João responde:

- Bom, então eu sou o “dentinho”! (Mais uma vez ele fala o nome de um traficante do morro)

Luis, então, um pouco impaciente com o amigo, fala:

- Não pode ser um nome de verdade. Você tem que inventar um nome, isso é uma brincadeira!

Neste momento, vemos como João teve dificuldade de se “descolar” da realidade e entrar na fantasia da brincadeira. Lucas e a psicóloga tentam ajudá-lo neste processo, mas João se mostra tão identificado e aprisionado à realidade que vive que não consegue, mesmo depois de uma primeira explicação, entender que ali ele era apenas um menino brincando de ser bandido. Brincar de ser traficante é quase como ser um de verdade e repetir exatamente o que fazem sem a possibilidade de elaborar ou dar sentido ao que está acontecendo.

Observa-se em muitos momentos a dificuldade das crianças de criar e fantasiar a respeito da realidade em que vivem. Perguntas sobre o que estão brincando, que papéis ocupam e o que fazem nestas funções, são importantes para que as brincadeiras não sejam apenas ato e repetição da realidade que presenciam além de fornecerem a possibilidade de fazer sentido e simbolizar o que está sendo experimentado.

É natural que na infância as crianças vivam experiências de terror e medo, mas dentro de um limite e tendo sempre ao seu lado adultos que dêem um contorno e as ajudem a dar sentido a essas vivências. No entanto, como é muito bem apontado por Golomb, quando “esses escudos protetores são rompidos, a criança tem que se desenvolver em condições adversas sem a plena sustentação da família e da comunidade, já que estas estão também ameaçadas; e ela adquire defesas adultas como parte de seu dia-a-dia.” (Golomb, 2003, p. 197) Ao invés de sentirem que há um mundo adulto que está presente para ajudá-las em seu caminho, elas têm que servir às necessidades deste mundo.

Este ponto abordado por Abigail Golomb é uma contribuição muito importante para o que estamos tratando neste capítulo. Em um ambiente de muita violência e terror, as crianças precisam adquirir defesas adultas para se desenvolver, uma vez que a família, assim como as próprias crianças, vive ameaçada neste ambiente tão adverso e não pode fornecer uma sustentação plena.

Neste sentido, Golomb aponta para os efeitos transgeracionais de uma vida em um ambiente violento, a autora se refere às crianças que possuem pais, avós, ou familiares que viveram, em outra época, uma situação de conflito, como o holocausto e as grandes guerras. A conflituosa relação que esses familiares possuem com sua própria história e a dificuldade muitas vezes encontrada de lidar com o traumático, deixa aos seus filhos um legado silencioso de dor e sofrimento. Essas crianças, como foi apontado anteriormente, possuem a necessidade de dar sentido ao ocorrido, no entanto, essa oportunidade não lhes é fornecida. Por não terem sido elaboradas por seus pais, suas histórias não são contadas e não são claramente conhecidas.

‘Essas crianças também tinham necessidade de dar sentido às coisas, de entender o que lhes acontecera, de sentir que seus pais e a comunidade serviram como escudo protetor – ao menos emocionalmente. Mas a geração dos pais estava ocupada lidando com seu próprio trauma, e os filhos foram deixados no vácuo. (...) quando toda uma sociedade, ou uma parte específica dela, tem um papel a desempenhar e um trauma a ser elaborado, as crianças, que tanto dependem dessa sociedade, são deixadas de lado, porque esse papel é necessário para a sociedade, ou porque o trauma bloqueia a capacidade de lidar com os problemas dos outros.’

(Golomb, 2003, pp. 193-194)

Da mesma forma, observamos este mecanismo de servir às necessidades do mundo adulto sendo apresentado por algumas crianças que frequentam a Casa da Árvore. Há uma maturidade aparentemente precoce para suas idades, responsabilidades e preocupações características de adultos aparecem no seu dia-a-dia e em sua realidade.

Sándor Ferenczi, D. W. Winnicott e Michael Balint são autores que trabalharam este tema e contribuem bastante para sua investigação. A maturidade precoce concebida por Ferenczi, a intelectualização teorizada Winnicott e a relação filobática de Balint são pensadas pelos autores como um tipo de organização psíquica decorrentes de um trauma. Apesar de Winnicott e Balint não terem proposto o termo amadurecimento precoce, suas noções de intelectualização e relação filobática se aproximam da maturidade precoce conceituada por Ferenczi.

No primeiro capítulo, demonstramos como se dá o processo de instauração do traumatismo conceituado por Sándor Ferenczi. Neste sentido e como

consequência do êxito traumático, Ferenczi vai apontar que se não houver uma dominação da fragmentação inevitavelmente causada pelo trauma, ocorre a instalação de um supereu não assimilado, chegando assim a uma forma de personalidade clivada, feita unicamente de id e supereu, que não se afirma nem em caso de desprazer. O autor, para ilustrar as consequências de um traumatismo, faz uma analogia muito esclarecedora:

“Num quarto onde existe uma única vela, a mão colocada perto da fonte luminosa pode obscurecer a metade do quarto. O mesmo ocorre com a criança se, no começo de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda a sua vida.”

(Ferenczi, 1927, p. 5)

O supereu não assimilado é, para Ferenczi, um supereu constituído por transplantes estranhos (conteúdos externos causadores de desprazer), leis e proibições arbitrárias que são introjetados (por exemplo, a culpa não reconhecida pelo adulto) pelo agredido durante a situação em que ocorreu o trauma. Desta forma, Ferenczi concebe este supereu como o lugar intrapsíquico ocupado pelo agressor.

“No princípio, teme-se a punição, depois identifica-se com a autoridade que pune. Pai e mãe reais podem então perder a importância que tinham para a criança, já que ela estabeleceu em si mesma uma espécie de pai e mãe interiores.”

(Ferenczi, 1927, p. 11)

Para ele, o êxito do trauma, assim como, a consequência do desmentido, é a clivagem ou cisão da personalidade. Este supereu não assimilado não se integra ao resto da estrutura do sujeito. “A severidade excessiva pode acarretar prejuízos para a criança por toda a vida, dotando-a de um superego demasiado rígido.” (Ferenczi, 1927, p. 12).

Como consequência desta constituição cindida, tendo como componente psíquico este supereu não assimilado, Ferenczi aponta, em *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1933), de dois “tipos” de personalidades nestes sujeitos. De um lado, uma personalidade regressiva, na qual se encontra um sujeito que sofreu uma transformação, passou de criança terna a ser um traumatizado culpado, introjetou a culpa do adulto. Agora, obedece

mecanicamente a “vontade estranha” (decorrente dos transplantes estranhos) do agressor, que neste momento é integrante de sua própria personalidade. “A criança de quem se abusou converte-se num ser que obedece mecanicamente, ou que se fixa numa atitude obstinada; mas não pode mais explicar as razões dessa atitude.” (Ferenczi, 1933, p. 103).

O outro tipo de personalidade, que é a que mais nos interessa nesta pesquisa, seria a progressiva, em que o sujeito traumatizado é obrigado a amadurecer precocemente na tentativa de lidar com os transplantes estranhos, uma “progressão traumática”, o que ele chama de “bebê sábio”.

‘Uma aflição extrema e, sobretudo, a angústia de morte, parecem ter o poder de despertar e ativar de súbito disposições latentes, ainda não investidas, e que aguardavam tranquilamente sua maturação. A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela.’

(Ferenczi, 1933, p. 104)

Além desses dois “tipos” de personalidades encontradas no texto de Ferenczi, o autor indica um terceiro meio de “prender” a criança (Ferenczi, 1933, p. 105). É o que ele chama de “terrorismo do sofrimento”. A criança, diante de uma incapacidade dos pais de lidar com seus problemas, assume certos papéis que não dizem respeito a ela. Obrigações que deveriam ser assumidas pelos pais, passam a ser responsabilidade do filho, que cumpre o que é pedido na tentativa de manter o vínculo e poder desfrutar de uma ternura anterior. A criança se torna assim um auxiliar dos pais, um substituto materno.

O sucesso, o êxito, do processo traumático resulta em um sujeito cindido, transformando “um ser que brinca espontaneamente, e com toda inocência, num autômato, culpado do amor, e que, imitando ansiosamente o adulto, esquece-se por assim dizer de si mesmo.” (Ferenczi, 1933, p. 106). Por fim, temos um sujeito que tem projetada em sua vida uma sombra que talvez o acompanhe para sempre.

Seguindo o mesmo caminho, Winnicott vai abordar a questão do desenvolvimento intelectual precoce, ou intelectualização, como uma alternativa encontrada pelo sujeito para se proteger do mundo externo.

De acordo com o autor, o corpo e a psique se desenvolvem juntos, se encontram em um processo de mútuo-relacionamento. O autor postula um corpo

em que a psique e o soma não são distinguidos um do outro, mas isso em um período precoce do desenvolvimento. No entanto, em um desenvolvimento saudável, teremos, “em um estágio posterior, o corpo vivo, com seus limites e com um interior e um exterior, que é sentido pelo indivíduo como formando o cerne do eu imaginário.” (Winnicott, 1949b, p. 334).

Para Winnicott, a mente não existe em um desenvolvimento normal enquanto entidade. Ela é apenas um caso especial do funcionamento do psicossoma e é concebida enquanto especialização da parte psíquica do psicossoma. A mente, que busca a todo o momento um ambiente perfeito, se originará no funcionamento instável do psicossoma, que tenta se proteger das ameaças ao seu ser. Para ele, “uma das raízes da mente é o funcionamento variável do psicossoma, sempre às voltas com as ameaças à continuidade do ser que acompanham a falha da adaptação ambiental (ativa).” (Winnicott, 1949b, p. 335).

Após sofrer, em decorrência do trauma, uma ruptura no seu continuar a ser, será exigido do bebê que ele se adapte ao ambiente. O indivíduo precisará reagir e assim não estará seguindo seu curso natural, não estará “sendo”. De acordo com Winnicott, isso pode acarretar uma falsa integração, uma forma de pensamento abstrato que não seria natural, “falso self”. Para o autor, pode haver um desenvolvimento intelectual precoce ou um fracasso no desenvolvimento do intelecto.

“Esse desenvolvimento intelectual é um problema, pois deriva de um estágio demasiadamente precoce na história do sujeito, sendo, portanto patologicamente desvinculado do corpo e de suas funções bem como dos sentimentos, impulsos e sensações do ego total.”

(Winnicott, 1949a, p. 267)

Neste sentido, o trauma, ou seja, a necessidade de reagir a intrusões ambientais acarreta uma hiperatividade no funcionamento mental, e conseqüentemente a oposição mente – psicossoma. Como reação ao excesso, e às intrusões, o pensamento do sujeito (mente) passará a cuidar do psicossoma, tentando defendê-lo de futuras reações. Em um desenvolvimento natural e saudável, é função do ambiente cuidar do psicossoma, mas havendo necessidade a mente se ocupará dessa função.

‘(...) é em relação à linha de fronteira entre as fases de reação intolerável que o intelecto começa a funcionar como algo distinto da psique. É como se o intelecto colecionasse as intrusões às quais foi necessário reagir e as guardasse detalhadamente e em seqüência, protegendo desta forma a psique até que seja restabelecido o estado de continuar a ser. Numa situação mais especificamente traumática o intelecto desenvolve-se excessivamente, e pode mesmo tornar-se aparentemente mais importante que a psique, e depois do nascimento pode continuar a esperar e mesmo ir de encontro às perseguições, a fim de colecioná-las e preservá-las ainda no intuito de proteger a psique.’

(Winnicott, 1949a, p. 274)

Compartilhando de idéias parecidas às dos dois autores citados acima, pensando no trauma como uma falha que ocorre na relação do sujeito com seu entorno, Michael Balint vai teorizar sobre algumas consequências trazidas para o psiquismo do sujeito.

Em seu livro *A falha básica* (1968), mais especificamente no texto *A área da falha básica*, Balint aponta a dimensão de uma falha que ocorreu em um momento muito precoce da vida do sujeito. A falha, ou evento traumático, está ligada à base do sujeito, em um nível mais elementar do desenvolvimento do indivíduo. Esta falha teorizada pelo autor está relacionada à área da psicologia bipessoal, é anterior ao nível edipiano, e não apresenta exatamente um conflito, mas uma enorme angústia, sentimento de que alguém se descuidou dele. Para Balint, se trataria de uma falta de adaptação entre a criança e seu entorno, ambiente cuidador.

Como consequências desta falha básica, Balint nos fornece dois tipos de relações de objeto que o sujeito assume na tentativa de apaziguar um grande sentimento de angústia. Primeiramente, o autor vai tratar do tipo de relação onofílica. O sujeito, tomado por uma forte angústia, investe libidinalmente e se prende aos objetos sentindo-os como seguros e tranquilizadores, enquanto que sem eles se sente ameaçado e inseguro. Desta forma, para Balint haveria dois desdobramentos para este tipo de relação objetal, uma seria um superinvestimento e superavaliação do objeto e a outra seria uma inibição no desenvolvimento de habilidades pessoais que possam tornar o sujeito independente de seus objetos.

O segundo tipo de relação objetal é a relação filobática. Neste tipo de relação, o investimento primário é direcionado às expansões sem objeto, que trazem segurança ao sujeito, enquanto que os objetos representarão perigo e serão

evitados. No filobatismo, é verificado um superinvestimento nas funções do próprio ego, desenvolvendo assim capacidades que possibilitam o sujeito manter-se sozinho, expandir-se sem a ajuda de objetos. No entanto, de acordo com Balint, no filobatismo, o indivíduo pode ter grandes dificuldades em suas relações objetais.

‘Para conseguir isto, o indivíduo precisa desenvolver algumas capacidades pessoais – ou seja, seu ego - para conservar ou recuperar a liberdade de movimentos e a harmonia com expansões sem objetos, tais como montanhas, desertos, mar, ar, etc., todos pertencentes à categoria de objetos primários em potencial – ou, mais corretamente, substâncias primárias – porém, *pari passu*, suas relações podem ficar obstaculizadas.’

(Balint, 1968, p. 63)

Este segundo tipo de relação é o que mais nos interessa neste trabalho, pois acreditamos ser, de alguma maneira, comparável à maturidade precoce e à intelectualização citadas anteriormente. A fragmentação egóica terá como consequência a necessidade de um investimento em uma parte do ego, que vai tentar proteger a outra e todo o resto do psiquismo. Neste sentido, vemos se formar um supereu não assimilado (Ferenczi), um falso self (Winnicott) que busca a todo custo uma possibilidade de vida, ainda que isto signifique o sacrifício do seu verdadeiro eu. Desta forma, por parte do sujeito, há um afastamento do objeto, uma aparente independência dos cuidados do ambiente, que terá resultados muitas vezes custosos para seu desenvolvimento.

A principal questão deste capítulo, a infância que é atravessada pelo traumático e que necessita, para sobreviver, amadurecer antes do tempo, foi também apontada por Françoise Dolto. Em 1995, no livro *Solidão*, a psicanalista escreve *Eu - minha mãe lhes dou bom-dia!*, texto em que trabalha, principalmente, a função materna e sua relevância para o desenvolvimento infantil. A autora apresenta a importância de um continente, fornecido pelo adulto, para que a criança desenvolva a capacidade de estar sozinha, cuidar de si e sentir-se segura.

Em *Eu - minha mãe lhes dou bom-dia!*, Dolto, a partir deste contexto, expõe sua opinião sobre a situação de algumas crianças no Brasil:

‘O Estranho: Voltando à nossa história da mãe, é nesse momento, portanto, depois de adquirir essa dinâmica centro-periferia, que a criança está em segurança, que começa a poder estar “sozinha”.

A Praticante: Ela começa a não estar nunca sozinha, mesmo quando está sozinha. O mundo tem sentido para ela.

O Estranho: Mas, justamente, é aí que ela se dá a possibilidade de não depender do colo da mãe.

A Praticante: Ela não depende mais desta ou daquela pessoa. Precisa da sociedade, mas tem fé em si mesma.

O Estranho: Isso me faz pensar na diferença que há entre as crianças que crescem nas cidades e as do interior. No Brasil, por exemplo, as crianças são simplesmente seres humanos responsáveis por si mesmos, sem recorrer a mãe ou a pai.

(...) O Estranho: A gente vê que são quase adultos com a idade de seis anos. Entendem tudo. Por estarem praticamente, não jogadas na rua, mas em contato logo de cara com o mundo visível e variado, elas se estruturam bem mais depressa.

(...) Das crianças que passam, a natureza vira mãe. E elas próprias são “eu - minha mãe em mim”.

É por isso que, no início, quando têm de dezoito meses a quatro, cinco anos, é tão grande a confiança em todo mundo. Sentem-se como o adulto, tanto o menino quanto a menina. São: ‘Eu - com minha mãe adulta dou bom-dia’.

(Dolto, 1995, pp. 78-79)

A citação acima traz uma importante contribuição para a discussão que vem sendo desenvolvida neste capítulo. A psicanalista apresenta as crianças do Brasil como quase adultas ou crianças que entendem tudo. Tal argumento é justificado com o fato de que estão “em contato logo de cara com o mundo visível e variado”.

A partir disto, é possível investigar: Que mundo visível e variado é esse que Dolto imaginou ou, em algum momento, presenciou? Será que o ambiente que retratamos nesta pesquisa não está muito próximo deste mundo relatado pela autora?

As principais questões que deram início a esta pesquisa estão relacionadas aos efeitos de se estar inserido em um ambiente como as favelas do Rio de Janeiro. Um mundo onde a violência, os conflitos, a desigualdade e exclusão social são escancaradas, onde os limites inclusive físicos entre as moradias são praticamente inexistentes tornando a privacidade e a individualidade um bem quase supérfluo. Que repercussões este mundo visivelmente variado, cruel em muitos momentos e difícil de ser descrito em muito outros, possui para os que convivem ali?

Muitas das famílias que chegam à Casa da Árvore, por viverem imersos nesta realidade das favelas, são, muitas vezes, desejantes de cuidados. Os pais possuem, em sua maioria, a necessidade de deixar sua função materna e paterna para retornar ao trabalho e dar conta do sustento. Desta forma, confiam suas crianças aos cuidados de parentes, vizinhos ou irmãos mais velhos que cumprem esse papel. As crianças desde muito cedo se responsabilizam por seus irmãos mais novos e pela casa.

Como foi colocado por Lulli Milman¹, toda essa situação vivida influencia o modo de cuidar e estar com os filhos, não é possível e, muitas vezes, permitido brincar, conversar, doar um tempo maior às crianças. A infância passa a ser um período que não é muito valorizado, não é visto como uma época que necessita de atenção e cuidado especiais.

Neste sentido, podemos retomar a contribuição feita por Françoise Dolto. Verificamos que o enquadre em que estão inseridos os sujeitos com quem trabalhamos exige uma “ausência” dos pais e, conseqüentemente, a introjeção, por parte das crianças, de comportamentos e ações mais maduras. As crianças se apresentam ao mundo como: “Eu – com minha mãe adulta dou bom dia”.

A partir disto, acreditamos que se possa pensar neste desamparo vivido pela comunidade como um dos motivos pelos quais existe a ausência de um cuidado e um investimento maior na infância. Deparamo-nos assim com fatores que atingem fortemente a infância. Tanto a violência existente no ambiente das favelas quanto a necessidade dos pais de deixarem suas funções precocemente, podem ser considerados como excessivos para um sujeito em desenvolvimento. Estes são fatores estão intimamente ligados: a “violência estrutural” existente no ambiente atinge esse cuidador que, de alguma forma, se encontra impossibilitado de exercer suas funções. Este adulto que poderia ajudar na elaboração e na assimilação do excesso não encontra condições de fazê-lo.

Sem esquecer o tema trazido no capítulo anterior, sobre a comunidade que possui um potencial de contenção para esse excesso vivido. É preciso reconhecer que o contexto violento deposita uma grande e excessiva responsabilidade sobre

¹ Ideias retiradas da conferência realizada por Lulli Milman no encontro *Órfãos de Pais vivos* em 26 de setembro de 2009 na PUC - Rio.

as crianças e, desta forma, exige-se das mesmas que se desenvolvam e se movimentem em direção à vida, amadurecendo precocemente.

É preciso introduzir agora uma discussão importante para a continuação deste tema. Quando, nesta pesquisa, é abordada a questão do amadurecimento precoce, busca-se tratar a mesma sem que se encerre em uma categorização de uma estrutura saudável ou patológica. Ao mesmo tempo, acredita-se que este seja um processo imprescindível para a sobrevivência de um indivíduo dentro do ambiente que descrevemos.

Para continuar em direção à vida, o sujeito recorre a mecanismos de defesa e a estratégias para lidar com a desorganização psíquica e social. Neste estudo, acredita-se que a maturidade precoce se desenvolva enquanto uma estrutura que busca a integração e alguma possibilidade de existência. Deparamo-nos com crianças criativas, que brincam, que são capazes de simbolizar e que, acima de tudo, possuem uma estruturação psíquica.

A psicanalista Teresa Pinheiro, comentadora e especialista na obra de Ferenczi, aborda essa questão da maturidade precoce na teoria do autor de uma forma que muito interessa a esta pesquisa. Para a autora, é devido ao esforço para superar o sofrimento e a angústia decorrentes do trauma que a maturidade é adquirida. Quando foi preciso, o sujeito teve a “sabedoria de progredir traumáticamente”.

“‘Inteligência’ é uma palavra pequena para um trabalho tão árduo. Sabedoria de estar ao mesmo tempo dentro e fora. Tantas medidas a tomar, tantas coisas para supervisionar, ela é como uma máquina que, para funcionar direito, deve estar longe das emoções (sentimento que deixa para a outra parte do ego).”

(Pinheiro, 1995, p. 96)

Assim como Winnicott trabalha o tema da intelectualização sendo uma especialidade da mente que em decorrência do trauma busca um “ambiente ideal” na tentativa de proteger o psicossoma de ameaças ao seu ser, Pinheiro aponta o amadurecimento como tendo uma função protetora.

‘A sabedoria é, portanto, a característica da parte que se tornou adulta e protetora. É a ela que cabe a tarefa de ficar providente para não ser mais surpreendida e amedrontada. Está incumbida também de impedir novos assassinatos ao nível do

ego, de manter na tumba, custe o que custar, a parte dita ‘morta’, de estar alerta a tudo e a todos e não deixar nada balançar o frágil equilíbrio de que é guardião.’
(Pinheiro, 1995, p. 96)

Quando Winnicott aborda a questão dos efeitos do trauma desestruturante, aponta que um desenvolvimento intelectual precoce pode acarretar uma falsa integração, o que ele chama de “Falso self”. Para o autor, o falso self é causado por uma falha excessiva nas primeiras relações objetais. A mãe, objeto primário, não foi suficientemente boa e não soube responder de forma adequada às necessidades e à onipotência de seu bebê. De acordo com o psicanalista, o falso self possui uma natureza defensiva, sua função é a de ocultar e proteger o verdadeiro self.

Ao mesmo tempo, em seu texto *Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self* (1960b), Winnicott indica que o falso self possui graus. São apontados níveis de falso self, desde o que estaria ligado à necessidade de adaptação ao ambiente, uma forma dentro da normalidade de conciliação às demandas sociais, até um nível mais extremo que está relacionado a uma cisão completa, um falso self submisso que oculta o self verdadeiro.

A partir disto, pensando sobre a questão que estamos tratando, podemos trabalhar o amadurecimento precoce como estando dentro de um desses níveis teorizados por Winnicott. Como foi dito, no grau mais forte de falso self, ele se implanta como real e oculta completamente o self verdadeiro, em um grau equivalente a normalidade o falso self representa a atitude polida necessária para a entrada no social. De acordo com o autor, um lugar na sociedade não pode ser atingido com o self verdadeiro isoladamente. Entre estes graus existem variações de falso self, um deles é definido por Winnicott da seguinte forma:

“O falso self defende o self verdade; o self verdadeiro, contudo, é percebido como potencial e é permitido a ele ter uma vida secreta. Aqui se tem o mais claro exemplo de doença clínica como uma organização com uma finalidade positiva, a preservação do indivíduo a despeito de condições ambientais anormais.”
(Winnicott, 1960b, p. 131)

Esta é uma variação de falso self que se desenvolve a partir de uma necessidade de proteção ao self verdadeiro. Neste sentido, acredito que se possa relacionar a questão do amadurecimento precoce, conforme temos definido, com

este grau de falso self. Na busca por preservar uma parte do ego, o sujeito desenvolve como recurso a maturidade precoce.

No dia-a-dia da Casa da Árvore, vivenciam-se situações em que as crianças apresentam de forma clara a questão do amadurecimento precoce que estamos tratando. Um primeiro exemplo disto está no fato de em nosso próprio trabalho elas se apresentarem como protagonistas e relatores de suas histórias.

O trabalho psicanalítico com crianças possui alguns pontos considerados fundamentais. Um deles é a presença dos pais ou algum responsável que possa falar e contar para o analista a história e as dores daquele sujeito em desenvolvimento. É muito importante a presença de um adulto que traga consigo as origens daquele que ainda não pode responder por elas. No entanto, na Casa da Árvore, esse ingrediente fundamental do trabalho com crianças, muitas vezes, falta.

A princípio, assim como acontece na Maison Verte, havia uma regra na Casa da Árvore de que as crianças só poderiam frequentar o espaço acompanhados de seus pais. Buscava-se seguir o modelo original, só era permitida a entrada de crianças de até três anos e que estivessem acompanhadas de um responsável.

Porém, era muito difícil que os pais acompanhassem seus filhos, o mais comum era que crianças viessem sozinhas ou acompanhadas por outra um pouco mais velha. Diante disto, esta regra foi revista e passou-se a aceitar que crianças de 6 a 12 anos frequentassem o projeto desacompanhadas. Ainda assim, foi preciso manter a obrigatoriedade do acompanhamento de crianças de até seis anos de idade, fosse pelos pais ou de outra criança mais velha que pudesse assumir o papel de cuidador.

O fato de as crianças participarem ou circularem sozinhas pela comunidade pode ser perturbador e angustiante em muitos momentos. No entanto, de acordo com o que trabalhamos no capítulo anterior sobre a comunidade e as relações que naquele ambiente se constroem, fica mais acessível a ideia de que crianças passem a maior parte de seu tempo “soltas” pelo espaço da favela. O cuidado que é fornecido pela comunidade e a necessidade dos pais de se ausentarem de suas funções permitem a compreensão da chegada desacompanhada à Casa da Árvore.

Desta forma, como muito bem contribuiu Lulli Milman em sua apresentação no encontro *Órfãos de pais vivos*, na Casa da Árvore se trabalha com crianças sem a presença e conseqüentemente o discurso de seus pais. As crianças precisam se apropriar de suas histórias e os psicólogos precisam trabalhar com isso que lhes é oferecido. O trabalho existe e é feito a partir do discurso desses pequenos sujeitos, ajudando-os a construir e dar sentido às suas vivências. Eles se responsabilizam por seus desejos e por contar ao mundo suas experiências e suas origens. Como dissemos, encontramos na Casa da Árvore crianças capazes de dizer: “Eu - com minha mãe adulta dou bom-dia”.

‘Não somente a criança não depende mais de um objeto intermediário, mediador, como também transforma o desprazer dessa ausência em prazer de tornar-se ela mesma o objeto mediador do adulto. Condenada a cuidar dos adultos que a rodeiam, a criança, por esse exercício materno, garante o prazer de se sentir vencedora. Nega para sempre o desprazer que experimentou antes de instalar nela o adulto que lhe fez tanta falta.’

(Pinheiro, 1995, p. 94)

A partir disto, é possível perceber que muitas crianças da Casa da Árvore precisam dar conta de suas histórias e suas experiências sem um adulto diretamente ao seu lado ajudando nesse processo. Vive-se no dia-a-dia do projeto uma situação que pode ajudar na compreensão do que acaba de ser colocado.

A maioria das crianças que frequentam a Casa da Árvore possuem as peles marcadas e também muitas cicatrizes e feridas que demoram a cicatrizar. Essas feridas, na maioria das vezes, saram sozinhas, não há o auxílio de qualquer remédio ou “band-aid”. A partir de suas falas, notamos que em suas casas faltam esses instrumentos. É quase um privilégio para muitos deles as ferramentas que são utilizadas para proteger e cuidar dos machucados.

Quando uma criança se fere durante os plantões, utilizamos um kit de primeiros socorros (mertiolate, água oxigenada, “band-aid” entre outros recursos) para tratar dos machucados. Nestes momentos, é muito comum que as crianças nos perguntem como aprendemos a fazer isso, dizem que nunca foram cuidadas daquela forma ou querem saber se somos pais e mães de alguém. Frequentemente, eles fingem estar machucados ou, ao ver outra criança sendo cuidada, pedem para fazermos curativos e tratar de cicatrizes e marcas existentes há tempos.

Acredito que esse processo de cicatrização de seus machucados possa ser comparado à situação que vivem. Sem cuidados extras, sem um outro ao seu lado auxiliando constantemente na elaboração de seus conflitos e angústias, eles encontram uma forma de cicatrizar essas feridas. Esses ferimentos, à sua maneira, foram curados, da mesma forma, as crianças buscam suas alternativas para cicatrizar suas dores. Amadurecer precocemente é uma necessidade e uma estratégia para lidar com a desorganização social em que vivem.

Recorrendo à origem da palavra “Pensar”, verificamos que dentre os seus sinônimos está o verbo “cuidar”. Sua definição é vasta, mas uma delas é bastante interessante para o tema que está sendo tratado, “fazer curativo”². Pensar é tratar cuidadosamente, adequadamente (Figueiredo, 2010)³, convenientemente. A partir disto, retomando a teorização de Winnicott, o amadurecimento precoce ou intelectualização como uma forma elaborada do pensamento, uma especialização da mente, acredito ser possível abordá-lo como a aplicação de um curativo. Amadurecer antes do tempo adequado é também uma forma de, sabiamente, cuidar de si, de “fazer curativo” nas feridas internas, subjetivas, vividas pelo sujeito.

Ao mesmo tempo, sem o cuidado e auxílio necessários no processo de cicatrização, tanto os conflitos da infância quanto as feridas deixam suas marcas no corpo dessas crianças. Assim como o desmentido teorizado por Ferenczi, a falta do outro que fornece o contorno e o sentido aos eventos traumáticos, pode deixar marcas para o resto da vida. Os psicólogos da Casa da Árvore, da mesma forma que cuidam de feridas já cicatrizadas e daquelas que acabam de acontecer, ajudam, como ocorre no processo analítico, na elaboração das vivências e dos conflitos infantis.

“Na abordagem ferencziana, somente o corpo guardou a lembrança do trauma e é ele que se expressa nos silêncios do paciente durante a sessão analítica. A voz que se cala, assim como as representações do evento traumático, deixa o corpo se expressar, e são as palavras deste corpo que o analista deverá escutar.”

(Pinheiro, 1995, p. 97)

² Definição encontrada no dicionário online: <http://www.priberam.pt/dlpo/>

³ Conferência realizada por Luis Claudio Figueiredo no VIII Encontro Nacional sobre o Bebê e I Encontro Internacional sobre o Bebê, no dia 12 de novembro de 2010.

Relataremos agora alguns pequenos casos que talvez possam ilustrar um pouco do que acaba de ser dito.

Caso 1: Vera é uma menina de oito anos, que vivia em um convento e voltava para casa nos finais de semana e nas férias. Em um dia de plantão da Casa da Árvore foi questionada por uma das psicólogas sobre como era sua vida no convento. Vera, que constantemente trazia queixas e situações vividas ali, disse que não era um bom lugar, que tinha muitos afazeres domésticos e que era muito repreendida pelas freiras. No entanto, neste dia ela disse algo além das situações que não lhe agradavam, disse saber que, para seu futuro, era melhor que vivesse ali a ter que viver na favela. Complementa também que vivendo no convento existe uma possibilidade de ser alguém na vida, enquanto que na favela só poderia ser “mulher de bandido”.

Naquele momento, ficamos muito impressionadas com a segurança de sua fala e com a relação que Vera parecia ter com aquela realidade. Percebemos ainda que sua fala pudesse ser a reprodução de algo já escutado anteriormente, o futuro dessa menina de apenas oito anos já era uma preocupação real.

Caso 2: Carlos é um menino de três anos e o mais novo de cinco filhos. Durante um plantão na favela do Turano, quando tudo corria bem, Carlos pede a uma das psicólogas para que o acompanhe até o banheiro. Quando desciam a rua em direção a casa onde fica o banheiro, começa um tiroteio na favela. A psicóloga comenta o fato e, apressando os passos, pergunta ao menino se este sente medo. Carlos responde negativamente sua pergunta e continua a acompanhá-la. A psicóloga, então, lhe diz que sente medo e que se preocupa com o que pode acontecer. Neste momento, o menino diz a ela que não precisa sentir medo, pois ele cuidará dela.

Assim como neste caso, na Casa da Árvore nos deparamos frequentemente com o fato de as crianças parecerem estar impossibilitadas de sentir e negarem, de forma necessária, o medo e o perigo que existe em se viver ali. Além disso, é possível ver, mais uma vez, como esse lugar ideal de cuidador e protetor é constantemente ocupado. O que muitas vezes tentamos fazer é, através das palavras, legitimar seus sentimentos.

Caso 3: Este terceiro caso é um pouco nebuloso, já que as meninas nunca falaram abertamente sobre isso. Durante alguns plantões da Casa da Árvore,

Maria e Mariana duas irmãs de dez e oito anos, nos trazem a história de sua irmãzinha mais nova. Era um bebê, uma menina que tinha meses de nascida. Ela dormia em uma cama e não num berço, devido à falta de espaço. Maria era a responsável por cuidar deste bebê, ela sempre ia checar se a irmã estava bem, pois a mãe saía muito cedo para trabalhar e passava quase o dia todo fora de casa. Um dia Maria foi verificar se estava tudo bem com a irmã e a encontrou embaixo da cama "roxa". A hipótese trazida pelas crianças é de que a menina tenha se asfixiado durante a noite com os próprios lençóis. Não sabemos bem como foi, se a mãe tinha saído de casa antes de ver a filha, quem dormia na cama com o bebê, os elementos completos da situação. Sabemos apenas que Maria foi a primeira a encontrá-la.

Esta história nos foi relatada por Maria com um nítido sofrimento, mesmo não sabendo ou não podendo nos contar exatamente como aconteceu o fato, o peso de ser a cuidadora e a dor de ser a possível responsável pela morte da irmã ficam claros em sua fala.

Caso 4: Verônica é uma menina de cinco anos que mora ao lado da Casa da Árvore do Chapéu Mangueira. Ela é a mais nova de uma família bem grande, todos os seus irmãos, frutos de relações anteriores de seus pais, são muito mais velhos. Apenas um deles, Tadeu, é filho do mesmo pai e mãe.

Tadeu frequenta a casa há bastante tempo. Antes de completar seis anos, vinha sempre acompanhado de sua mãe e depois disto passou a vir sozinho. Há um ano mais ou menos, Verônica começou a frequentar a Casa da Árvore, sempre acompanhada de crianças mais velhas.

Verônica é uma menina muito agitada e sedutora, não há quem não goste e se encante por ela. Por ser muito levada, a menina costuma se machucar e se envolver em conflitos nos plantões, se coloca constantemente em situações de risco.

Diante das confusões e da angústia que isso gerava na equipe, conversamos com ela sobre sua presença sem pelo menos um de seus pais. Falamos sobre como era importante a presença de um adulto cuidador para uma menina de apenas cinco anos. Pedimos a ela que, sempre que quisesse vir, chamasse seus pais para acompanhá-la.

No entanto, frequentemente, éramos seduzidos por ela e acabávamos deixando que entrasse com outra criança, algo que havíamos combinado que não aconteceria. Com isso, vimos que não resistir e deixá-la entrar desacompanhada fazia com que o trabalho de todos os dias se perdesse.

Em um plantão de sexta-feira, Verônica chegou acompanhada de várias crianças, todas entre seis e oito anos. Tivemos que deixar todas entrarem, menos Verônica que ficou inconsolável do lado de fora vendo todos seus amigos, inclusive seu irmão de sete anos, entrar. Apenas ela e seu cachorro vira-lata ficaram do lado de fora. Ficamos um bom tempo conversando através da porta, sobre a importância dela vir acompanhada de um de seus pais. Depois de longas conversas e muitas tentativas de entrar na Casa, Verônica foi embora.

Algum tempo depois, a menina volta para a porta da Casa da Árvore, desta vez, com um sanduíche de queijo nas mãos. Uma das psicólogas deixa o que está fazendo e vai conversar com ela. Neste momento, ao notar que está comendo o pão com queijo, lhe pergunta se tem alguém em sua casa, se já almoçou e quem foi que fez o sanduíche para ela. Verônica responde que não tem ninguém em casa, seus pais estão trabalhando e que ela mesma havia feito seu sanduíche, não tinha almoço pronto para eles.

Percebemos, então, que ficar sozinha em casa ou na rua fazia parte do dia-a-dia dessa menina. Quando seus pais saem para trabalhar, Verônica e seu irmão ficam desacompanhados em casa ou passeando e brincando pela comunidade. No entanto, quando ela ia até a Casa da Árvore, dizíamos que era muito pequena para ficar sozinha ou acompanhada apenas de outra criança.

A psicóloga decide, então, dizer isso a ela, diz que entendia como devia ser difícil para ela compreender que era grande o suficiente para ficar sozinha em casa e preparar sua própria comida e pequena demais para estar na Casa da Árvore, um lugar reservado para crianças brincarem.

Mesmo compreendendo a necessidade de seus pais em deixá-la sozinha, não deixamos que entrasse, pois era importante que fosse reconhecida como uma criança de apenas cinco anos e que necessitava de cuidados externos. Não deixá-la entrar era também uma forma de não compactuar com o que acontecia em sua casa, acelerando o momento de sua entrada na Casa da Árvore.

É possível observar que todos estes casos abarcam diversas dimensões do que estamos tratando como maturidade precoce. Tais situações apontam para as responsabilidades e preocupações, para o “aprisionamento” no mundo adulto, a ambivalência e as questões subjetivas presentes no amadurecimento precoce.

Deparamo-nos com crianças que refletem sobre seu lugar no presente e no futuro. Não há espaço para a irresponsabilidade, característica da infância, no tempo presente. Vimos crianças ocupando o lugar de cuidador, de quem exerce a função de proteção, do adulto que acalma e que não pode sentir medo. Foi-nos apresentado também o desamparo, a dor e o sofrimento de ter que ocupar o lugar de quem cuida, se responsabilizar pela falha e lidar com a culpa que esta posição lhe impôs.

Por fim, nos encontramos com a ambivalência e o paradoxo existentes na criança que precisa exercer funções de adulto. Conciliar os desejos, as irresponsabilidades e inseguranças de criança e, ao mesmo tempo, ser “adulto”, cuidar de si e dos outros que estão ao seu redor é uma árdua tarefa. Dar sentido e compreender o lugar que se ocupa e, desta forma, as funções que lhe cabem é algo muito laborioso.